

JORNAL CIDADES

A comunicação direta com os municípios do RS

Porto Alegre, sexta-feira e fim de semana, 2, 3 e 4 de maio de 2025 - Nº 81 - Ano 29 - Venda avulsa: R\$ 1,00 - www.jornalcidades.com.br

CLIMA

Roca Sales convive com escombros e desânimo após desastre



João Dienstmann, de Roca Sales

redacao@jornalcidades.com.br

Na segunda reportagem da série sobre o um ano da enchente foi a vez de visitar um dos municípios mais arrasados pela força da natureza. A pacata cidade de Roca Sales, no Vale do Taquari, tem a calma como uma das características desde a emancipação do município em relação à Estrela, ocorrida em 1954. Com pouco mais de 10 mil habitantes, a economia da cidade se baseia, principalmente, no setor primário, que representa 50% do Produto Interno Bruto (PIB). Porém, desde setembro de 2023 – e acentuado pela cheia de 2024 – o silêncio e o pouco movimento das ruas da cidade se acentuaram, e o motivo está ligado diretamente à maior tragédia climática da história do Rio Grande do Sul.

Isso porque, de acordo com a

prefeitura, em torno de 2 mil pessoas deixaram a cidade após as enxurradas consecutivas. Ao cruzar a ponte da ERS-130 sobre o rio Taquari e ingressar na cidade, duas cenas impactam o visitante.

A primeira é uma cratera aberta pela violência da água, que alagou grande parte da região central da cidade, onde há um curtiúme e um frigorífico. O rio margeia essa área da cidade, que foi tomada por lama, água e restos de troncos de árvores não apenas uma, mas três vezes em menos de um ano. A cratera inicia à esquerda da cidade e corta a entrada da cidade até a rua 31 de Março, local outrora bastante habitado pela proximidade das fábricas e do comércio local, hoje reduzido a escombros e terrenos vazios.

A segunda cena é a de esqueletos de lojas e residências ainda remanescentes. Na frente do frigorífico, uma loja, que parecia de ser bazar a preço popular, poderia ser descrita como uma estrutura bombardeada, cujos alicerces ainda permanecem, mas o interior é absolutamente vazio. Na rua 31 de Março, outro resquício da enchente apavora quem circula pela cidade. No telhado de uma casa, um enorme tronco de árvore permanece



TÂNIA MEINERZ/JC

Prefeitura estima que 2 mil pessoas tenham deixado a cidade desde o primeiro evento, em setembro/2023

meses depois, como uma espécie de lembrança sobre a altura em que rio atingiu naquela parte da cidade. Segundo o Serviço Geológico do Brasil, em Muçum, vizinha de Roca Sales, o rio Taquari atingiu a marca de 26 metros, cerca de 13 metros acima do

nível normal, um recorde que superou marcas de 1941 e 2023.

As marcas nos prédios e em espaços públicos ainda são bastante visíveis. No Hospital Roque Gonzales, por exemplo, a marca amarronzada da água mostra que as janelas da

instituição foram totalmente cobertas. Algumas quadras adiante, em direção ao interior do município, casas abandonadas dão um tom de memorial da enchente; restos de árvores, lixo e móveis destruídos contam à reportagem do que a natureza foi capaz.

Aposentada perdeu renda de aluguel de oito casas, todas destruídas

A aposentada Maria Terezinha da Silva é moradora de Roca Sales há 50 anos. Ela e seu marido Cândido moram na rua 31 de Março, logo na entrada da cidade. Ao longo de todos esses anos, a família decidiu investir as economias na compra de terrenos e casas para obter a renda de aluguel. Ao todo, adquiriram oito no município, sendo quatro dessas propriedades na frente de onde moram. O somatório dos pagamentos proporcionava R\$ 11,5 mil mensais para a família, fora os valores de aposentadoria que ambos recebiam, o que

trazia uma vida tranquila para ambos.

As sucessivas enchentes mudaram o cenário da família de maneira abrupta. Os episódios de setembro e novembro de 2023, além de maio de 2024, acabaram com a renda do casal. As oito casas foram destruídas pelo rio Taquari, que atingiu, também, o primeiro andar da residência de Maria. “Nós saímos no dia 29 de abril, uma segunda-feira à tarde, de casa. Pegamos o carro e fomos até um ponto mais alto da nossa rua para nos abrigarmos. Todo esse tempo fique com meu

marido já muito doente por causa do câncer”, descreve a aposentada.

De lá, ela conta que viu casas inteiras serem arrastadas. Contêineres do frigorífico começaram a boiar e se chocaram contra as residências. Na casa dela, o primeiro andar foi tomado pela água, e parte da construção também precisou de reforma. Para isso, Maria Terezinha precisou procurar outro lugar para morar. “Perdemos toda a renda e fiquei com um salário mínimo só. Com esse dinheiro, precisei pagar R\$ 1 mil de aluguel e sobrava R\$ 400,00 para luz, água, alimentação. Fiquei até dezembro do ano passado fora de casa”, conta.

No fim de maio de 2024, o marido da aposentada faleceu. Segundo ela, houve uma piora no quadro em meio ao caos da enchente, que obrigou ele a ser levado ao hospital. Questionada como é a vida após o desastre climático e o falecimento de Cândido, a aposentada não esconde a tristeza. “Eu choro muito, todos os dias. A minha vida virou de ponta cabeça. Nem sei como estou aqui ainda... O único motivo que me faz ficar viva é meu cachorrinho, o Chico. Meu marido, antes de morrer, disse para mim ‘cuida bem dele’. É por ele que eu acordo todos os dias”, diz.

“Nós já estamos acostumados com a enchente, não vamos sair”, diz moradora

Em outro ponto de Roca Sales, na rua General Osório, a mesma aonde fica o Hospital Roque Gonzales, a autônoma Amanda Laurier reside em uma casa de dois pisos com o marido e o filho pequeno. No primeiro andar funciona o local de trabalho dela, enquanto na parte superior fica a residência. Entre a enchente de setembro e a de maio ela perdeu o emprego, em uma fábrica de calçados, e decidiu empreender para manter o sustento.

Da varanda do quarto, Amanda relata como foi o avanço das águas para a via e as casas. Segundo ela, em pouco mais de três horas o nível subiu ao ponto de deixar a rua onde residem intransitável. “Nós já estávamos acostumados com a enchente depois de setembro, então, erguemos os móveis, pegamos o carro e fomos para a rua de cima (rua Florença), que é mais alta. Soubemos de vários vizinhos que não quiseram sair, com medos de furtos”, relembra.

Ao deixar a casa e ir para um ponto mais alto, Amanda percebeu que o rio Taquari havia chegado a um ponto bem mais alto que o registrado em setembro de 2023. A forma de medição disso eram os andares da casa. Em maio, todo o primeiro andar ficou submerso,

e a água atingiu o segundo pavimento, na varanda.

Mesmo com três eventos consecutivos, Amanda disse que não pensou em deixar Roca Sales. “Nós gostamos muito daqui, da cidade, do bairro. Temos que nos adaptar. Não vamos sair. A gente tem a consciência de que pode vir uma enchente maior e perdermos tudo”, afirma

CONTINUA NA PÁG. 2



TÂNIA MEINERZ/JC

Com a morte do marido, o shitzu Chico é a companhia de Maria Terezinha



TÂNIA MEINERZ/JC

Água chegou à varanda de Amanda